



ID: 37576489

21-09-2011

O CONVIDADO

O futuro está na agricultura



EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO

Professor da AESE; Presidente da AAPI; Autor do livro 'O Despertar da Índia'

Apesar de necessária, a agricultura foi relegada à categoria de parente pobre da economia. Talvez porque a dimensão da propriedade se foi reduzindo, nos países ricos, com as heranças e partilhas e só eram compensadoras as grandes áreas, capazes de economias de escala e mecanização de processos; ou, talvez, porque os mercados eram sensíveis às mínimas variações de produção, criando fortes oscilações nos preços, desencorajadoras para o agricultor.... O facto é que, como norma, o rendimento foi caindo. E daí que a agricultura viesse a ser subsidiada, para garantir auto-suficiência alimentar, evitando o seu abandono; ao mesmo tempo quis-se protegê-la com altas barreiras alfandegárias à importação.

Subsídios elevados criaram excessos de produção, que, vendidos nos mercados internacionais, prejudicaram os agricultores dos paí-

ses pobres que a abandonaram ou viram-se na miséria, incapazes de vender o seu produto, face à concorrência subsidiada.

Hoje, preocupações de sustentabilidade do planeta, e a agricultura vista como fonte de biodiesel, vieram abrir-lhe novas perspectivas. Também as economias emergentes passaram a alimentar-se melhor e, no conjunto, parece haver falta de alimentos e a inflação faz-se notar sobretudo nos países emergentes de grande crescimento.

Em muitos países, e entre nós também, empresários com provado êxito em domínios tecnológicos ou financeiros têm feito investidas na agricultura, com sucessos claros. Era de esperar que assim fosse, dado que todos precisamos de alimentos, por mais tecnológicos que pensemos ser. Tratando-se de artigos opcionais – mais um iPod ou telefone móvel ou computador –, podem-se adiar, adquirir em 2.ª mão ou esquecer. Ninguém dispensa o comer.

É louvável, pois, que entrem na agricultura empreendedores com visão, que promovam culturas de novos produtos, inovações em processos, criando mais trabalho e riqueza. Não era expectável que no Alentejo se pudesse fazer uma agricultura “empresarial” de vinhos de alta qualidade e em quantidade. Nem mesmo que o azeite de oliveira viesse a ter crescente procura, pelo seu impacte na saúde, quan-

do até há pouco era manipulado com as ordens de Bruxelas, para arrancar ou plantar oliveiras, sempre com subsídios. Está visto que as intervenções arbitrárias são nefastas; distorcem a lógica do mercado e desmotivam os bons empresários!

A crise que nos afecta precisa de uma boa dose de “valores” para a ultrapassar e, entre eles, o da autêntica solidariedade. Possibilitar que países pobres façam mais agricultura de exportação, comprando-lhes mais e mais, provocará que sejam mais ricos e venham comprar mais aos países ricos: maquinaria e produtos industriais de alto valor intrínseco, necessários para o seu desenvolvimento. Peter Sutherland, antigo director-geral da GATT, entidade que deu lugar à OMC – Organização Mundial do Comércio, argumentava que a assinatura do Acordo de Doha – nas condições preconizadas pela OMC: com redução de subsídios e das taxas alfandegárias sobre os produtos agrícolas, a níveis justos – fará aumentar o comércio mundial, no mínimo dos mínimos em \$360,000 milhões por ano. Por si só isto é um poderoso “estímulo” ao conjunto da economia mundial. E os países, hoje em crise, não estão a tratar de aproveitar seriamente dele, e é pena!

O processamento dos alimentos torna-os acessíveis ao longo do ano e em pontos distantes do glo-

bo, dando-lhes melhor aproveitamento e muito mais valor. Ao pensar-se em boas oportunidades de empreender, vêm à mente tecnologias da indústria e *web*, mas raramente nos acode à mente o sector mais básico e acessível a todos, o agrícola, ávido de ideias, de incorporar avanços da biotecnologia, cultura de produtos ayurvédicos protectores de doenças, flores para exportação, etc. Todos os produtos que os ricos apreciam e os pobres necessitam devem ser alvo desse empreender na agricultura.

Um país que venho acompanhado nas suas proezas de criatividade é a Índia. E lá também empresários bem-sucedidos em tecnologias de ponta (petroquímica, telefone móvel, *software*, etc.) decidiram, cada um por si, entrar na agricultura e no retalho, criando uma vasta rede de supermercados e centenas de “centros” a montante, donde aconselhar o agricultor, recolher, tratar e embalar os seus produtos horto-frutícolas, para os exportar e/ou vender nas cidades indianas, onde a apetência da compra é grande, permitindo claros acréscimos de rendimento a quem trabalha a terra. Um dos empresários tinha estabelecido a meta de criar um milhão de postos de trabalho, sabido como é que mais de 50% da população activa indiana trabalha em agricultura; e está a caminho de o conseguir.